



DESERTO

Nathalia Jung

DESERTO
LIVRO-REPORTAGEM SOBRE VELHICE E SOLIDÃO

POR

Nathalia Jung

Sumário

Prefácio.....	1
Fortaleza.....	3
Nem um pouquinho a favor da velhice.....	6
Uma viúva solteira	11
Homens de plástico.....	15
Umas manias diferentes	20
A gente se esforça para durar mais um pouco	24
Minha cabeça já está desligada.....	30
Ecos.....	35

PREFÁCIO

Quando se adentra a porta do Oásis Santa Ângela é preciso ter coragem para vislumbrar o futuro através de um silêncio barulhento que só existe quando a vida vai diminuindo de volume. Ali dentro as horas passam devagar, mas correm na direção que interessa a todos nós.

Segundo o IBGE, até 2030, o Brasil terá mais velhos do que crianças. Os números e estatísticas revelam uma coisa simples: estamos envelhecendo sem ter aprendido a cuidar dos que chegaram primeiro. Em 2023, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania registrou o aumento de 855% de denúncia de abandono de idosos, entre janeiro e maio em comparação ao mesmo período de 2022. Abandonamos de olhos vendados.

“Deserto” não surgiu para amplificar números e cobrar mudanças. Este livro escolhe outra porta: mergulhar pelo portão verde-musgo da casa de repouso mais antiga de Canela e ouvir, acolher, relatar. Aqui dentro “história” não significa grande acontecimento ou uma manchete de jornal, porque, afinal, não é tudo história?

As páginas foram preenchidas por memórias, fragmentos de lembranças e por silêncio. O barulho da sirene que não tocou quando Ione quase foi internada à força. A voz rouca e a indignação de Ana Maria que não aceita a própria velhice. Ou a saudade de casa que aflige Ivone.

Este livro-reportagem segue o caminho de outros tantos do jornalismo literário que entenderam a importância das pessoas. E essas histórias precisam ser ouvidas, precisam ser lembradas. Envelhecer é destino de todos

Aqui, o tempo passa diferente e, talvez, você precise baixar o tom de voz e percorrer os corredores em outra velocidade. Você ouvirá o arrastar da cadeira de rodas, da televisão alta, de vozes roucas e verá peles enrugadas e cabelos brancos. Precisarás repetir tudo mais de uma vez e aceitar que as datas escapam e o passado pode se esconder.

Assim você poderá ser, também, um guardião dessas histórias.





FORTALEZA

Quem anda pela movimentada avenida que liga Canela a Gramado pode passar desatento pelos muros cobertos por folhagens verde musgo e pelo enorme jardim florido à vista dos curiosos. No letreiro envergonhado, no telhadinho que dá forma a uma guarita, “residência de longa permanência para idosas” é a única pista para os forasteiros.

O portão eletrônico, acionado pelo interfone do lado de fora, é o ponto de entrada para uma nova realidade, onde a vida parece não ter mais tanto efeito. Os jardins são a moldura da grande construção em pedra e alvenaria no centro do terreno. O busto do fundador da congregação, São Luiz Guanella, na rótula que dá acesso à recepção, é o eterno vigilante de quem decide adentrar esse mundo.

O Oásis Santa Ângela ainda parece viver na década de 60, período em que iniciou suas atividades, com as paredes claras, azulejos brilhantes e móveis arcaicos. Imagens religiosas estão por toda parte, como era de esperar de uma instituição cuidada por uma congregação de irmãs, as Filhas de Santa Maria da Providência.

Irmã Salete Vieira, diretora administrativa, é a senhora de mais ou menos um metro e meio, de pele clara e franzida, que responde pelo espaço. “Quando eles [familiares] não conseguem mais, nos procuram. Aqui tem toda a assistência, então eles se sentem mais tranquilos. Tem sempre segurança, são bem cuidadas”, conta a irmã, quase escondida atrás de uma grande mesa em um pequeno escritório, situado dentro do prédio central do Oásis.

Em abril de 2025 a instituição abriga 58 hóspedes, um total de 75 leitos divididos em 44 quartos de um, dois ou três leitos, 60 funcionários entre médicos, nutricionistas, cozinheiros, enfermeiras e cinco irmãs da congregação. Apesar do número alto de pessoas, os corredores conservam um eco melancólico que guia para as portas fechadas dos quartos. O silêncio prevalece como uma mistura de tranquilidade e exaustão.

O terreno tem generosos três hectares, divididos entre prédio central, maior e mais robusto, jardins e caminhos arborizados, além do sobrado comprido, na parte mais alta do terreno, com apartamentos individuais. Cada espaço guarda a vida e a história de uma mulher e caminhar pelo Oásis é, de algum modo, transitar e pertencer a essas histórias.





NEM UM POQUINHO A FAVOR DA VELHICE

Afastada da construção principal, em cima de um pequeno morro de grama, há uma construção de um único andar e várias portas, muito menor que o espaço principal. Ali, estão os apartamentos particulares. O Oásis, apesar de instituição filantrópica, sobrevive, principalmente, pelos aluguéis desses espaços individuais e particulares.

Os apartamentos são amplos, diferentes dos quartos de um cômodo do prédio central. Lado a lado, identificados apenas por números, as portas são viradas para a rua. O bloco tem uma sala de TV e refeitório próprios. As hóspedes desse lado são independentes e autônomas, mas encontraram no Oásis algum tipo de esperança. A mesma das hóspedes do outro prédio.

Os quartos privativos são uma lembrança da vida fora dos muros da instituição. Com o conforto de um apartamento da cidade, dispõem de sala e cozinha conjugados e uma ampla suíte. No quarto 203, no meio de outras várias portas, Ana Maria Correa Maisonnave tem um resumo do que foi sua trajetória: “Oito décadas, não é pouco. Uma grande vida”.

Ana, de blusa e casaco de lã azuis e óculos levemente arredondados, senta-se em uma poltrona que ela mesma mandou trocar as cores, posicionada de forma estratégica na frente de um grande armário abarrotado de livros. Natural de Porto Alegre, nasceu em 1942 e ainda

conserva o sotaque da capital. A voz extremamente rouca e os dentes mais amarelados entregam um hábito de uma vida.

“Livros, como tu vês, gosto muito. Eu sempre tenho uma pilha aqui”, aponta para o balcão, ao lado da poltrona. O pequeno acervo é reflexo da sua profissão. Formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhou por mais de 30 anos em bibliotecas escolares. “Minha profissão é uma que vai acabar, por causa do computador. Ninguém precisa de uma bibliotecária”, garante, como quem pode prever o futuro.

Ana foi casada por nove anos e, com o companheiro, se mudou para a cidade de Curitiba aos 27 anos. Em 1979, depois da separação, voltou para a cidade natal: “Quando voltei, tinha um padre muito meu amigo, que me casou inclusive. Ele estava cursando Direito”. Por indicação do padre, frequentou o mesmo curso do amigo. “Acho uma coisa muito estranha, porque eu nem me lembro. Ia de carona com o padre para a faculdade”, comenta, com uma gargalhada rouca.

A nova faculdade, aos 40 anos, foi uma oportunidade. Não da profissão, porque essa nem exerceu, mas de vida. “Essa faculdade foi uma coisa divertida, me divertia horrores, fazia festa, namorava”, conta, com um sorriso largo e saudoso. A lembrança de uma outra época logo vem carregada de indignação e saudade: “Eu tinha um namorado que nos conhecíamos desde guri. Nos correspondíamos. Morreu. E vários namorados. Morreram todos. E isso é muito triste”. Para Ana, a morte é injusta, e a velhice, que a antecede, ainda mais intolerável.

No Oásis desde 2019, chegou por decisão própria. “Eu vim. Fui eu que decidi. Não foi ninguém”, faz questão de repetir, mais para si mesma do que para quem escuta. A descoberta do lugar veio através de uma amiga e, depois de sofrer uma grave convulsão causada pela epilepsia recém-diagnosticada, percebeu que não tinha outra saída segura. “Chamei um amigo e ele me levou ao hospital”, lembra com certa tristeza. A doença trouxe, junto, o medo de enfrentar essa nova fase da vida sem amparo. “Só tenho a minha irmã mais velha, e senti que

ela não poderia me cuidar. Meus sobrinhos são maravilhosos, mas moram longe. Não tinha ninguém para me dar assistência.”

Na instituição, encontrou o cuidado e a segurança que precisava: “Aqui eu tô bem cuidada, até o meu neurologista disse que eu ia ser bem cuidada aqui”. Ter alguém por perto quando o corpo resolve falhar tornou-se prioridade, o resto foi conforto extra que mereceu. “Normalmente clínica geriátrica é o quarto e banheiro, e aqui não. Até cozinha. Lógico que eu não chego nem perto. Serviço doméstico eu sempre detestei, não faço nada”, admite, rindo da própria sorte.

A independência na velhice é o reflexo da sua história. Desde o divórcio, viveu sozinha e, apesar dos namorados que teve, permaneceu solteira. “Com quem eu quis me casar, não quis casar comigo, e quem quis casar comigo, eu não quis”, fala, caindo na gargalhada pelo desfecho da própria vida. “E foi uma bobagem, devia ter me casado.”

Ana tem a paciência de quem sabe o que a vida lhe reserva, mas não esconde a indignação do destino. “Perdas, perdas. Perdi minha mãe, meu pai. Já perdi amigas de infância. Essa parte da velhice é uma das mais tristes. Depois tem as limitações...”. Das restrições, Ana fala da própria condição, pois de todas, recebeu a ingrata epilepsia que, além de tudo, roubou o controle do próprio corpo. Há alguns meses, uma forte convulsão a fez cair e fraturar o braço. Alguns ossos quebrados, cirurgia e até pinos. “Chamaram até o Samu, foi um sucesso, ambulância e tudo”, brinca com a situação. Desde então, aboliu o uso dos sapatos altos pelo medo de futuras quedas. “É capaz de eu me matar se usar salto alto”, conta aos risos, assim como faz com os todos reveses. Apenas vez ou outra, deixa escapar um suspiro mais pesado ou um protesto à morte.

As estantes do 203 funcionam como álbum aberto. Entre os livros, inúmeros porta-retratos disputam espaço e preenchem a ausência de quem fez parte da sua vida ou lembram daqueles que já não se fazem tão presentes no dia a dia. “Uma vez uma amiga me disse uma

coisa: que é bom ter fotos, porque elas fazem companhia. E é verdade”, garante Ana, enquanto aponta para as fotos de todos os tamanhos e diferentes rostos. “Minha sobrinhada”, e lista os nomes, as idades, graus de parentesco e em que parte do mundo estão morando cada um. “Ali no meio sou eu, nos bons tempos... o que o tempo faz!”, fala aos risos, enquanto aponta para um porta-retrato já desbotado. Sem filhos, alimenta o contato através de chamadas de vídeo e visitas esporádicas dos seis sobrinhos como quem conserva o carinho e as relações familiares.

Apesar disso, o silêncio do apartamento às vezes se transforma em aviso. “Morreram todos”, recorda, sobre pais, amigos de infância e antigos namorados. “Isso é uma tristeza da velhice.” A solidão, muitas vezes, dá lugar ao medo da única certeza da vida: a morte. A hóspede do 203 não esconde a irritação. “A moldura da vida humana é muito ruim: primeiro os desmandos da juventude, no fim as limitações da velhice. O bom é o meio”. Ana faz uma pausa, e parece refletir. Conclui, sem rodeios: “Bom, eu não sou nem um pouquinho a favor da velhice”.



UMA VIÚVA SOLTEIRA

O corredor ao ar livre, que conecta os apartamentos, leva também às outras partes desse bloco. Depois da sala de estar, sentada na última mesa do refeitório, com o notebook ligado, fone de ouvido sem fio, está uma senhora de cabelos castanhos escuros e curtos, minuciosamente escovados para trás. Uma exceção aos cabelos grisalhos que predominam nas cabeças cansadas das outras moradoras.

Com uma camisa branca, suéter e um sobretudo elegante, a concentração é tanta que mal percebe quem chega ao cômodo vazio e silencioso. “Já está gravando?”, questiona sem esperar a resposta. Na ânsia de prolongar sua história ou pela raridade de ser ouvida, Carmen Gualipa Paim se apressa em falar e quase não dá conta da quantidade de palavras que sai da sua boca e em questão de minutos resume seus 83 anos de vida.

Deixando de lado o notebook, o caderno e a caneta, não precisa de perguntas para que inspire forte o ar para pegar fôlego e se abra como livro recém-tirado da prateleira. “Muito prazer, eu fico muito feliz que você veio ver o que acontece no Oásis.” Carmem tem energia e vigor, como se as mais de oito décadas estivessem todas ali, acumuladas e prontas para romper. “Estou fazendo um curso de terapia holística e já passei da metade do curso. Quero ver se

trabalho ainda. Tenho esperança”, conta, com orgulho. “Estou aprendendo a usar o computador. A professora vem aqui uma vez por semana.”

Natural de Vacaria, cursou o magistério e fez faculdade de Pedagogia em Passo Fundo. “Fui professora primária por dois anos. Logo em seguida surgiu a necessidade de fazer uma especialização e eu me mudei para Porto Alegre.” Na cidade, especializou-se em administração escolar e fez sua carreira pelo Brasil. “Morei no Nordeste, no Paraná, em Aracaju, morei em Porto Alegre. Ministrava cursos de motivação e qualidade, liderança. Sempre trabalhei assim!”, partilha uma vida.

Carmen está no Oasis desde 2018 e ocupa um dos apartamentos, ao lado do de Ione e Ana Maria. “Estou morando aqui no Oásis porque meu marido faleceu”, diz sem resguardo. “Morar com família sempre complica, não fica bem. Tira a privacidade deles e a minha. E a minha é muito importante. Então aqui eu fico bem à vontade e faço o que eu quero.”

O companheiro com quem dividiu 15 anos foi uma relação não oficializada. “Não casei, vivi com meu namorado muitos anos. Naquela época, eu quebrei os padrões. Aí ele faleceu, eu sou uma viúva solteira”, fala, aos risos. “Ele teve problemas de saúde. Eu quase faleci junto com ele. Mas depois, com muita reza, muita terapia eu fui me levantando e fiquei de pé.”

Dessa relação, não teve filhos, e a morte do parceiro e o peso dos anos a fizeram procurar um espaço que pudesse lhe dar autonomia, mas, também, o cuidado que um corpo cansado precisa. “Não tenho mais pai, mãe, não tenho filhos.”

O vigor com que levou sua vida antes de chegar ao Oásis é o combustível para se manter ativa e quase um protesto à própria velhice. “Eu faço curso de cérebro ativo na UCS. Nas quartas, reunião com o grupo de tricô, já fiz várias amizades, é muito legal. Faço pano de prato também, para vender. Bordo patchwork, faço crochê”, enumera, quase sem fôlego, uma lista de atividades que poderiam cansar qualquer jovem. “É prazeroso pra mim, não sinto solidão, até sinto cansaço de tanto que eu trabalho.”

As atividades parecem preencher um espaço que Carmen não admite deixar vazio. Uma tentativa de manter o mesmo ritmo de outras décadas e provar que a idade não lhe passará para trás. “Os idosos não são aqueles bobos! Não pode confundir velhice com burrice! As pessoas idosas, muitas delas têm a mente saudável, apesar do corpo, muitas vezes, não ajudar. Mas a mente funciona”, comenta, eufórica.

Qualquer brecha de tempo seria admitir a própria velhice e ir a um lugar que Carmen tenta não se aproximar. “Lá eu vou muito pouco, lá as pessoas já estão mais comprometidas. Então, não tenho ido”, justifica, referindo-se ao prédio central.

Dos apartamentos se tem uma visão privilegiada do bloco principal, um vislumbre diário do que está por vir. Carmen compartilha o mesmo receio silencioso das vizinhas autônomas: o medo de cruzar a porta do prédio principal, o próximo degrau. “A vida é um palco, eu estou saindo do palco”, admite. “Gostaria de passar um pouquinho do que sei para essa juventude, para que não cometa os mesmos erros do passado.”



HOMENS DE PLÁSTICO

“Então vê se ela quer levantar?”, pergunta Irmã Salete, atrás do balcão da recepção, no prédio principal, antes de desligar o telefone. “Ela quer se arrumar antes”, sussurra, sorrindo. A irmã se refere a Ione, moradora de um dos apartamentos individuais. São 15h30 de uma quinta-feira nublada e gelada e Ione aproveita para descansar em um dia sem novidades.

Ao abrir a porta de madeira, é preciso baixar o olhar para que seja possível enxergar a pequena mulher que abre. Com sorriso largo, Ione Maria Dornelles mal passa dos 45 kg. Os cabelos curtos ainda conservam alguns fios castanhos, mas que logo desaparecerão. O apartamento de dois cômodos, sala e cozinha integradas e uma suíte, está quente por culpa de um pequeno aquecedor elétrico ligado sobre a mesa ao lado de um novelo de lã e duas agulhas.

A blusa vermelho-sangue contrasta com a pele clara e enrugada. Tudo no apartamento parece perfeitamente posicionado, as fotos, os livros, a manta de tricô em cima da poltrona. Cada objeto parece ter sido cuidadosamente escolhido de 84 anos de lembranças. Ione logo se senta na poltrona como se conduzisse a própria entrevista: “Quer um cafezinho? Um chocolate?”.

A moradora do 204 está desde 2023 no Oásis. Encontrou ali o que ela mesma chama de paraíso depois de uma vida de tempestades. “Eu não gosto de mexer nisso, mas já que eu tô mexendo... Uma existência de 84 anos não são só flores, mas eu superei, tu está diante de uma vencedora”, declara com orgulho na voz e empatia pela própria trajetória.

Ione nasceu em São Leopoldo, em 1941, em meio aos clarões da Segunda Guerra. “Muita economia. As mães faziam as roupas em casa, quando rasgava, remendava. Até as meias, chegava um ponto que machucava dentro do sapato.” Filha de militar, viajou pelas cidades do Rio Grande do Sul com os pais e os três irmãos.

De volta à cidade natal, passou a adolescência até a vida adulta, quando conheceu o marido. “Ih, é outra história. Em uma viagem de trem!”, conta aos risos. “A gente se paquerou, vamos dizer assim. Uma paquerinha, mas ele não falou comigo.” Depois desse dia, a amizade e o convívio com o pretendente, um sargento da Brigada, se intensificaram. Visitas semanais, cinema aos finais de semana e o incentivo da mãe, recém-viúva, receosa pela filha. “Eu tinha entrado em depressão por causa do meu pai. Ele foi o único grande amigo que eu tive na minha vida. E foi uma coisa muito louca, deu um infarto à meia-noite e às 2h ele estava morto.”

Com o novo namorado, Ione iniciou a vida a dois e todas as experiências que a vida de casada podem proporcionar. “O primeiro beijo foi quando ficamos noivos. Eu nem sabia beijar, ele meteu a língua dentro da minha boca e eu achei a coisa mais nojenta. Eu não sabia que beijo era assim”, confidencia em um misto de risadas e indignação pela própria inocência. “Gente, que coisa mais nojenta, por que ele tá fazendo isso? A gente via nos filmes e não era assim. Eu pensei: acho que não tá certo, não pode ser assim.”

Um ano depois do encontro no trem, Ione se casou e, assim como na infância, a vida foi um vaivém de caminhões de mudança. “Para te dizer, em 36 anos de casados, fizemos 40 mudanças. Em algumas cidades ainda fizemos mudanças para casas maiores.” Entre uma cidade e outra, um ano e meio depois nasceu a primeira filha, Maria Aide. “Nós não comemos

a sobremesa antes do recreio”, dispara, aos risos. Depois, os outros três: Lúcio, Rafael e Gabrieli.

Enquanto conta sua história, Ione parece se empolgar com a própria narração e a cada trecho conta detalhes íntimos sem nenhum pudor, ao contrário disso, precisa que sua história seja ouvida por outra pessoa, que lhe deem razão pelas suas atitudes e que fiquem do seu lado.

“Aí é a parte triste. Nós tínhamos 36 anos de casados. Surgiram problemas de família e aí acabou em separação”, conta sem remorso ou ódio, mas com a calma de alguém que já fez as pazes com o passado. Em Nova Petrópolis, cidade em que encerraram as mudanças, eram o casal modelo que assistia à novela, dormia de mãos dadas e ia às missas. Por dentro, um desgaste silencioso: a mãe de Ione adoeceu de câncer, o filho se separava da mulher, grávida, a empresa do casal patinava nas finanças. “Os homens não têm cafife para enfrentar os problemas. Quem enfrenta são as mulheres. Antigamente pela honra aguentavam, mas agora não, os homens de hoje são de plástico.”

A tempestade foi somada a uma vaidade tardia do marido, que deixou a casa da família enquanto Ione passava a noite no hospital com a mãe moribunda. “Ele foi viver com outra mulher. Ele foi muito covarde, a hora que eu mais precisei ele deu um chute no balde.” O marido não só a abandonou como tentou levar o pouco que lhe restava. Em uma atitude fracassada, tentou internar Ione em uma casa psiquiátrica: “Até fiz o exame e avaliação depois, o médico disse: tá tudo certo, tu não tem nenhum fiozinho torto”, conta com sorriso e orgulho como quem reafirma a própria lucidez, anos depois.

Depois da morte da mãe em 2000, retornou para cidade de Canela, na casa comprada em uma das mudanças da família. Ali passou os últimos anos, recebendo os filhos no Natal e nos aniversários. Mas um tratamento com uma psicóloga lhe deu um basta: “Ela disse pra olhar pra dentro de mim e procurar a Ione. Eu achava minha mãe, meu marido, os filhos... Perdi minha identidade, eu fiquei assustada. Onde é que está a Ione?”.

A busca acabaria 23 anos depois, no Oásis. Vendeu a casa, dividiu o único bem igualmente entre os filhos e encontrou, no apartamento 204, sua paz: “Quando ela me mostrou esse apartamento, fez ‘tchan’! Era a minha cara. Meu Deus, era tudo que eu queria”. Ali tem vivido seu prêmio, a recompensa por uma longa vida de trabalho e esforço para os outros. “Eu tô no paraíso, não dou problema para os meus filhos. E nós aqui de cima, que somos consideradas autônomas, a gente levanta a hora que quer. Eu tô no céu.”

O passado, segundo Ione, já não tem mais lugar “Quando a gente não perdoa é como beber veneno esperando que o outro morra.” Ao passar pelos portões do Oásis, ela deixou pesos que não eram das malas ou dos móveis, mas da culpa, do ódio, do rancor. Encontrou no pequeno quarto e nos cuidados das Irmãs o alento que tanto precisava. “Eu estou aprendendo a viver sozinha. Eu sinto falta da família, mas é uma coisa que não dá mais. Tô levando minha vida aqui.”





UMAS MANIAS DIFERENTES

Depois de descer o morro coberto com uma grama verde, o prédio principal tem o acesso através de uma pequena escada de pedra. A recepção é pequena, com sofás, imagens religiosas e um balcão com lugar para uma única pessoa.

Na primeira porta entre tantas do corredor, uma folha de papel colada com fita transparente tem a tarefa de identificar uma vida. O número do quarto e o primeiro nome são suficientes em um lugar em que as histórias começam a ser esquecidas. “Vamos começar?”, pergunta, lentamente, Marlena Benkenstein, ou apenas Marlena, como indica o pedaço de papel. O último nome precisa ser soletrado e ela mesma admite: “O sobrenome é meio complicado.”

Sentada no fundo do quarto número 1, ao lado da cama, em uma poltrona coberta por uma toalha de crochê, está uma senhora de cabelos bem brancos e curtos, assistindo a um programa matinal em um volume alto. O esmalte vermelho das unhas se destaca na pele clara e os anéis dourados parecem ser mais pesados do que as próprias mãos.

“Eu tenho... Nem sei mais! Oitenta e... Eu nasci em 1937!”, tenta lembrar a idade. Os números parecem se embaralhar, a pele enrugada e o cabelo o branco levemente cinza, entregam as décadas vividas. Marlena nasceu em Campo Bom, assim como toda sua família. Na cidade, estudou até a quinta série do primário e logo foi trabalhar. “Eu sempre fui tesoureira de banco e de produtos químicos, em firmas americanas”, conta, sem muitas explicações.

Por conta do trabalho, conheceu o marido: “Fui trabalhar em Porto Alegre e ele era o chefe. E adivinha? Eu ‘crau’. Peguei o chefe”, confidencia com sorriso no rosto. Do casamento, teve dois filhos: Sullivan e Jules. “Os dois são médicos. E as duas noras médicas também”, conta com o que parece ser orgulho na voz. “Mas eu tive três, tive a menina. Mas ela só durou dois dias e faleceu.” O tom de Marlena é sempre o mesmo, uma apatia carregada de cansaço, grandes pausas e um esforço para lembrar. As informações vêm assim: simples e sem rodeios.

Depois do casamento, ela, o marido e os dois filhos se mudaram para a Bahia: “Fiquei 50 e tantos anos lá”. E a morte do companheiro, há cinco anos, foi o motivo da sua volta para o Rio Grande do Sul. A cidade de Canela, onde seu filho mais novo já residia, foi a escolha sentimental. “Ele é muito agarrado comigo.” As frases de Marlena são sempre curtas, como se lhe faltasse fôlego para mais. Se perguntam, ela responde. Caso contrário, oferece o seu silêncio.

Apesar da casa grande do filho, a escolha de Marlena acabou sendo, por necessidade mais que por vontade, o Oásis. “Eu preferi ficar sozinha. A gente tem umas manias diferentes... é bom reconhecer”, admite, como quem acredita ter feito um grande favor ao filho e, ao mesmo tempo, a si mesma e a sua rotina já reduzida ao essencial.

Desde 2022, Marlena está no Oásis, depois de cinco décadas morando na Bahia e de uma mudança tardia depois da morte do marido. “Eu vim porque eu não tinha opção! Dois filhos homens... Não tenho filha mulher... Acho que é por aí, não sei”, confessa em uma frase

quebrada em pequenas pausas, como se precisasse procurar cada palavra no meio de uma confusão.

No Oásis, as companhias ficam restritas aos novelos de lã e às agulhas de um cesto, posicionado ao lado da poltrona. “Ih, já fiz tanta coisa aqui sentada. Porque ir lá para fora o tempo não está dando. Então fico quietinha aqui.” A escolha do exílio não é só das atividades, mas das pessoas “Não tenho amizade, prefiro não. Aqui só tem pessoas de mais idade, então cada uma tem uma mania. Prefiro ficar mais isolada”, conta.

Na fortaleza que se transformou seu quarto, poucos objetos pessoais estão à mostra. A bengala e um vaso de vidro com três rosas sobressaem aos olhos. “Vim só com as minhas roupas. Não quis trazer nada. Prefiro não me preocupar com nada.” Marlena tem a calma na fala e repousa como quem não tem pressa. A vida em sociedade e as trocas com seus iguais já não fazem mais sentido. As quatro paredes e algumas saídas aos domingos para almoçar com o filho bastam para satisfazer quem já viveu muito. Parece até poupar o mundo do peso da sua própria existência. Marlena sorri: “É, a gente tem manias, se prepara”.

A vida no Oásis é sempre uma surpresa, às vezes, daquelas de que ninguém gosta. Algum tempo depois da conversa, Marlena foi transferida para o andar das moradoras com maior grau de dependência, o mesmo de Ivone. Pouco depois, como se cada degrau da vida ficasse mais curto, desceu para o primeiro piso, a enfermaria, espaço que não recebe visitas externas e que todas ali conhecem o significado. Foi dali que Marlena se despediu do mundo.



A GENTE SE ESFORÇA PARA DURAR MAIS UM POUCO

No Oásis, ninguém é contatado sem o olhar atento da Irmã Salete ou das cuidadoras. “A psicóloga vai ser ótima para conversar”, diz Rose, a cuidadora do 2º andar, enquanto separa algum material de limpeza entre o corredor e uma sala de depósito. Rose deve ter menos de um metro e meio de altura, cabelos curtos e escuros, sorriso tranquilo e conversa fácil. Está sempre de um lado para o outro como se o mundo dependesse do seu serviço. E talvez dependa, o pequeno mundo que vive dentro das paredes do Oásis.

A “psicóloga” é na verdade uma senhora alta, de cabelos bem brancos e caminhar vagaroso, sustentado por um andador. Ivone Maria Nunes Raymundo. “Raymundo é com Y”, como faz questão de salientar. Ivone tem 88 anos de vida e desde 2024 como residente. “Eu vim em junho, logo depois do meu aniversário eu vim para cá. Acho que lá pelo dia 20, não tenho bem certeza.” Essa incerteza de datas e meses é recorrente nas conversas no Oásis, como se o cérebro e a própria vontade já não dessem importância em guardar informações tão distantes e irrelevantes. São lacunas que ali já não precisam ser preenchidas.

“Tá, pode perguntar”, dispara, sentada em um sofá dentro do que parece ser uma pequena sala de estar com TV, ao lado do refeitório. Os poucos raios de sol que entram pelas janelas servem para quebrar o gelo do dia: “Aqui está mais quentinho”.

Ivone não é psicóloga de formação, mas ganhou o apelido por ser boa ouvinte e gostar de conversar. Em pouco tempo, destrincha uma vida longa e bem aproveitada que hoje se resume a alguns cômodos e uma boa conversa. Os móveis, as fotos e até a cama ficaram para trás: “Era muito grande, meu marido era muito exagerado, tudo grande. Por isso que eu sou grande”, conta às gargalhadas. O que não ficou para trás foi o bom humor e a leveza de alguém satisfeito.

Nascida em São Francisco de Paula, cidade vizinha a 40 km de Canela, é filha de serralheiro e uma dona de casa, teve duas irmãs e um irmão: “Meu pai trabalhava em uma. Tu sabe o que é serraria?”, pergunta meio sem fê que alguém tão jovem e da cidade saiba do que se trata. Com pais e irmãos já falecidos, divaga ao lembrar da vida e das viagens recorrentes do serviço do pai: “Quando fizemos uma mudança, a gente foi de carreta. Tu imagina quantos móveis tinha, cabia tudo numa carreta. E nós fomos a cavalo, quando passava uma porteira, deixava um ramo de vassoura ou qualquer coisa que tivesse para o carreteiro saber que a gente já tinha passado ali”, relembra aos risos altos. “A comunicação era assim: um galho de vassoura.” A mãe, dona de casa, “ajudava até a derrubar pinheiro com o pai. Às vezes não tinha ajudante, tinha que ajudar.” Com os bois puxavam madeira para a serraria e tinham o trabalho do campo como sustento da família toda. “A vida era assim.”

Estudou até o quinto ano do primário nas escolas disponibilizadas pelas serrarias em cada uma das cidades que passou. Ciente da mudança dos tempos, olha para o passado com carinho: “A gente não parava nunca, parava em uma, parava em outra. São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria. E nada de cidade, só no mato. No interior do interior”.

O marido conheceu já na cidade, quando fugia de uma tempestade, dentro de um bar. “Foi uma coisa engraçada, ele tava num bar que tinha bem na esquina da Júlio de Castilhos. Eu não vi ele, mas ele disse que me viu.” Casou-se com 20 anos com o aspirante a jogador de futebol. “O tio achou que ele jogava bem”, comenta, sorrindo, um pouco desacreditada do próprio parceiro. “Acho que jogou umas partidas, mas não deu certo. Aí foi trabalhar, futebol é pra vagabundo”, e cai na gargalhada. “Deus o livre.”

Do casamento com Darcy, vieram quatro filhos que lhe deram oito netos e três bisnetos e conta, um por um, o nome dos seus descendentes, suas profissões, cidades e países que estão. Depois de aposentados, Darcy faleceu, deixando para trás Ivone e uma casa grande no centro da cidade: “Faleceu, já fazem... meu Deus, até perdi a conta. Acho que há oito anos. Ele nem aproveitou tanto, coitado.” Ao mesmo tempo que o nome das ruas, o bar que conheceu o marido e o bazar que começou a trabalhar ainda moça estão frescos na memória, a data da chegada ao Oásis, os anos em que é viúva, se perdem nas lacunas da mente.

Das crueldades da velhice, Ivone recebeu a dificuldade no andar e, com ela, a necessidade constante de acompanhamento: “É difícil a gente achar uma pessoa para ficar. Durante o dia eu posso ficar sozinha, não tem problema, eu ficava... Mas aí eles [os filhos] decidiram... que aqui era melhor. Eu vim, tô aqui!”. A risada e o sorriso somem e as gargalhadas são substituídas por uma voz arrastada e uma melancolia de quem não se sente pertencente. “Eu gosto daqui. É muito bom. Mas eu queria estar em casa, queria.”

A casa no centro da cidade é a saudade que Ivone carrega, da liberdade, do chimarrão no inverno, do lugar que tantas vezes chamou de seu. “Acho que ninguém se sente totalmente em casa, sabe? A gente tem que ficar, então não tem o que fazer. Eu tenho uma cama box, uma prateleirinha, uma geladeirinha... Essas coisas assim, essenciais. Mas nunca é como tu estar em casa”, declara com um profundo e lento suspiro.

A saudade de casa é suportada pelas visitas que recebe e com orgulho preenche uma grande lista: “A irmã fica assustada. Tem um caderno das visitas e tem gente que não passa de uma folha do caderno, o meu já encheu. Tenho muita visita, Nossa Senhora. Minhas amigas vêm e passam a tarde. Nem posso te dizer quantas pessoas vêm”. E aí, uma sequência de nomes e sobrenomes das visitas mais queridas que recebe. Os filhos estão juntos, um vem todo sábado passar a tarde. “Os outros, agora, já estão mais ocupados e eu entendo. Não podem nem respirar.”

Ainda assim, as visitas pontuais dos finais de semana não preenchem o tempo de alguém que tem um pequeno infinito. Na maior parte, o silêncio é seu melhor e pior visitante. “Me sinto sozinha, tô sentada ali no meio de todos, mas ninguém fala nada. Passo o dia inteirinho sem ouvir uma palavra. Todo mundo calado. A única pessoa que fala sou eu e aí eu tenho que falar por 10.”

A capela que existe dentro do Oásis acabou virando um refúgio. Religiosa desde pequena, se faz presente nas missas quase diárias: “Eu rezo, mas muita coisa não rezo, eu fico ali, olho para Jesus, Ele olha pra mim, trocamos nossas ideias, eu pergunto as coisas, ele me responde, assim nós ficamos”. De trás, apoiado na porta, surge a voz de Denis, o educador social, como é chamado:

- “Oi, Dona Ivone, tudo certo? Estão conversando aí?”

- “Tudo! É, uma entrevista!” – E sem dar atenção, continua contando a próxima história.

“Eu tenho até que falar com o Denis, ensinar umas coisas. Ele entra na capela e eu tô lá, ele entra de chapéu, passa na frente do Santíssimo e não faz nada. Vai e volta, a mãe não deve ter ensinado. Quero ensinar ele.” Naquele momento, ser ouvida e ensinar a um jovem rapaz parece ser mais importante do qualquer outra coisa.

O tempo passa diferente nos corredores, nos quartos, no solário onde as senhoras passam a maior parte do dia. Entre os poucos afazeres e as oficinas do educador social, Ivone

se resguarda na própria existência. “Se eu pudesse ler, eu seria feliz aqui. Eu teria tempo, mas agora não enxergo mais. Se tu soubesse o quanto eu li na minha vida. Acho que isso ajudou na minha memória.” Encontrou nos livros companhia durante toda vida e, quando mais precisa, é passada para trás pelos reveses da idade. “Se eu tivesse meus olhos agora, mas mistura as letras, nem escrever consigo mais. Começo em uma linha e paro lá em outra.”

Se os olhos não a tivessem abandonado, a leitura e a escrita seriam visitantes permanentes, daquelas que fazem viajar mesmo presa no andador de quatro pernas e rodinhas. O abandono, muitas vezes, não vem dos amigos ou da família, mas do próprio corpo que se entrega ao tempo e avisa, dia após dia, que o destino é imutável. Talvez pela quantidade de livros e histórias que leu, Ivone tem a lucidez de uma vida toda e faz questão de decidir como será esse fim e como será lembrada: “Tem uma noviça muito querida e eu fui dizendo pra ela. Uma carta, quase um romance, pra ler no dia da minha morte. Já tá prontinha. Para as famílias, para os amigos, para os que criei. A hora que eu for, tá pronta.” A carta está pronta. Ivone também.



MINHA CABEÇA JÁ ESTÁ DESLIGADA

O corredor bege do segundo andar costura quartos, refeitório, sala de depósito, uma pequena sala de TV. Guia até o solário e conecta todas as histórias. Ali existe um silêncio permanente que contraria as leis da física e que sobrevive mesmo com o sussurro das conversas baixas, das risadas das cuidadoras, das rodinhas das cadeiras e dos andadores raspando o piso.

Do refeitório escapa um som alto de televisão, de algum programa confuso da tarde. Entre o corredor e a porta, atravessando em direção ao barulho, uma senhora rechonchuda de cabelos bem brancos presos em um coque. Dentro do espaço, Beatriz Maria Eifler Moraes, vestindo um casaco de lã lilás e outras tantas camadas de roupas, tenta assistir o tal programa da tarde. O som da TV invade cada canto da sala, mas o aparelho prateado, preso na orelha de Beatriz não dá conta de devolver completamente sua audição. “Chega perto, mesmo de aparelho eu não ouço bem.”

Assim como as outras moradoras do prédio central, Beatriz tem a pele enrugada e a dificuldade para lembrar do passado: “Foi oitenta e... Mil oitocentos.... Dois mil.... não adianta, as datas aí, a cabeça já dá um nó”. Os anos exatos escapam e, das poucas lembranças que é

capaz de contar, se faz um esboço do que ela foi um dia. “Quase chegando nos 100 anos, é isso mesmo. Tô aqui.”

Segundo Beatriz, nasceu em 1927 e viveu na capital do estado grande parte de sua vida: “Cresci lá, fiquei sempre lá em Porto Alegre. Eu tinha muitas amizades, eu morava na rua Garibaldi. Tinha uma vizinhança muito boa. Quem ainda estava lá... Era... Os... Clemente... Como é o nome dele... O Alberto”. A história não continua, vem seguida de silêncio. Ela olha para fora através da janela, como quem procura respostas. Clemente, Alberto, ficarão no esquecimento dela e na curiosidade de quem escutar.

Sentada na cadeira de rodas, aconchegada entre casacos e uma coberta amarela clara, Beatriz tem um semblante sereno. A falta de audição, os olhos cada vez mais embaçados e a confusão da mente não parecem mais tão relevantes para ela. Beatriz é como um quebra-cabeça incompleto, é possível vislumbrar a imagem, mas faltam peças para completar o todo e para que algumas partes possam fazer sentido.

Beatriz lembra de atravessar o Guaíba todos os dias no seu primeiro estágio como professora em Porto Alegre. Depois disso, compartilha fragmentos do que pode ter sido sua carreira: “Eu fiz magistério... e o pós-graduação... que eu fiz... esse... como que... não... tinha o plano de carreira, tudo isso”. Todos os recortes são sempre interrompidos por outra memória longínqua na linha do tempo e por um silêncio. Conta que trabalhou mais de 20 anos na Escolinha Othello Rosa, na avenida Independência. “Nós passávamos a vida inteira lá.”

O marido conheceu na saída de uma missa: Carlos Eugênio Moraes, catarinense e advogado. “Na porta da igreja a gente se via. Naquele tempo a gente não podia nem falar, nem conversar. Então eles passavam na frente na casa da gente”, conta aos risos. O dia do casamento é outra lacuna, assim como a sua idade na época. “Olha, eu devia ter... não tô lembrada bem... Deixa eu ver, acho que era 20 anos.”

Do relacionamento, tiveram dois filhos: Gilberto e Eduardo, que foram criados na capital entre um apartamento e uma casa. “Um prédio velho, um apartamento caindo aos pedaços. Depois, a casa nós construímos.” No imóvel, viveu os últimos anos ao lado do marido. “Foram 25 anos. Aí começou o vai, não volta, vai, não volta. Depois, no fim, ele foi embora mesmo. Separamos, mas não legalmente”, Beatriz conta com certo desdém, como quem depois de tantos anos ainda não entendeu o que aconteceu, mas hoje, já não vale mais a pena. “Sei eu o que aconteceu. Inventava umas historinhas meio idiotas. Ele desapareceu, nunca mais eu vi.” Longe dela, ele faleceu há alguns anos. “Ele não estava mais comigo, já estava com a outra”.

Depois da morte da mãe, mudou-se com Gilberto para Canela e foi ele quem encontrou o Oásis. “Aí estava lá, tudo bem... meu filho resolveu... resolveu que ele queria sair de Porto Alegre. Aí ele veio pra cá. Mas eu disse, eu não vou morar com ninguém. Não, não! Não dá. A gente perturba a vida do outro, não dá”, fala aos risos, e mesmo que a lembrança pareça fresca, as pausas, a busca pela realidade está sempre presente.

A primeira residência de Beatriz foi nos apartamentos da outra construção, o espaço destinado para as autônomas. O ano que chegou é ainda mais confuso do que qualquer outra data, seja pela falta de atenção ou pela diferença do passar do tempo ali dentro do Oásis. “Aqui no esquema todo, eu tô há... 19 anos eu tô aqui. Eu acho, não sei mais, minha cabeça não adianta tentar mais nada que ela já está desligada”, assume, aos risos. Na verdade, Beatriz chegou apenas em 2020. Dois anos depois, foi transferida para o prédio central por conta de uma lesão na perna, fazendo com que o uso da cadeira de rodas começasse.

Hoje, a vida transita entre os corredores, o solário, a TV no volume mais alto e as poucas visitas que recebe. “Eduardo vem uma a duas vezes por ano, mais que isso ele não aparece. Gilberto vem sempre, eu chamo, ele vem.” O cuidado e o acalento são dados por pessoas que ela não conhecia e que, futuramente, farão parte de alguma memória turva: “Tem uma turma

muito boa aqui, as colegas. Eu gosto daqui, gosto muito. Eu me sinto bem aqui, muito bem. Me sinto muito bem tratada.”

O quebra-cabeça que se transformou sua vida permanecerá desmontado e, talvez, perdendo mais peças a cada dia, mas Beatriz não demonstra medo ou qualquer tipo de angústia: “Não acho ruim, não tem nada ruim... é isso aí.” A conversa é interrompida pela hora do lanche e um café preto abarrotado de adoçante.





Em cada rosto enrugado mora uma história, dores e esperanças de mães, professoras, empresárias e outras tantas identidades perdidas dentro dos muros que cercam a propriedade. Mulheres que parecem já não se sentir mais parte do fluxo da vida e da sociedade. As hóspedes têm as décadas de vida reduzidas ao espaço do Oásis, e encontram ali o apoio que suas famílias julgavam não conseguir mais dar.

No alto do morro, um novelo de lã descansa ao lado de um aquecedor. No 203, uma pilha de livros e muitos porta-retratos desbotados. Na ala central, três rosas que perderam a vida, assim como quem as ganhou. Em uma cadeira de rodas, uma memória que já não funciona. São pequenas lembranças, ou esquecimentos, do fim do caminho, do deserto da velhice. A solidão é um personagem recorrente entre todas. Não pelo abandono dos familiares nem por negligência da instituição, mas pelo fardo da própria velhice.

No pátio, se um visitante tiver tempo e atenção, é quase possível ouvir as vozes sobrepostas e os suspiros que ecoam. São fragmentos de um todo, espalhados pelos quartos, corredores, refeitório. Ali, os minutos são ignorados pela esperança de que o tempo pare.

Quando o portão se fecha, em meio aos muros, as senhoras continuam lá dentro, tecendo, rezando, em silêncio. Os quartos e as paredes são as últimas testemunhas e guardarão para si vidas inteiras.

Este livro foi escrito entre o inverno de 2023 e o outono de 2025.

Todas as fotografias, incluindo a da capa, são de autoria de Nathalia Jung.